

**NACIONALISMO, LA SONRISA VERTICAL E CAMILO JOSÉ CELA: O INSÓLITO CASO DO CIPOTE DE ARCHIDONA**

Luiz Carlos de Barros Silva

**RESUMO**

A coleção espanhola de narrativa erótica *La sonrisa vertical* (Barcelona: Tusquets Editores) surgiu em plena transição democrática, em 1977, graças ao esforço do cineasta Luis García Berlanga e Beatriz de Moura. A primeira publicação da coleção é a obra de título arcaizante *La insólita y gloriosa hazaña del cipote de Archidona* (1977), que compila poemas, desenhos e uma inusual correspondência mantida entre o escritor Camilo José Cela e amigos e acadêmicos, como Alfonso Canales, sobre um caso sexual despretensioso e corriqueiro, normalmente relacionado a pessoas comuns, seus costumes e hábitos sexuais. Neste trabalho, tem-se como objetivo ressaltar a paródia do nacionalismo franquista que Cela realiza nesta obra menos conhecida, bem como destacar a importância da coleção *La sonrisa vertical* para a difusão da literatura erótica e pornográfica em espanhol.

**Palavras-chave:** Literatura erótica; La sonrisa vertical; Camilo José Cela.

**Introdução**

Ainda que o erotismo, enquanto tema literário, esteja presente em obras clássicas espanholas desde os primórdios, como o *Libro del buen amor* ou *La Celestina*, não foi senão no começo do século passado quando se pôde vislumbrar as possibilidades editoriais deste tipo de publicação. *La sonrisa vertical* foi uma série de livros de literatura erótica da *Tusquets Editores*, que, entre 1977 e 2014, reeditou clássicos do gênero e publicou obras eróticas inéditas. O primeiro livro desta coleção, que teve como precursores o cineasta Luis García Berlanga e a editora Beatriz de Moura, foi a obra que se analisa neste artigo: *La insólita y gloriosa hazaña del Cipote de Archidona* (1977), compilação epistolar, poética e pictórica de Camilo José Cela em parceria com outros escritores espanhóis, como Alfonso Canales, que se interessaram pelo “caso de Archidona”.

A coleção La sonrisa vertical é levada a prelo ao mesmo tempo do processo de ampla atualização política e cultural vivido com o fim do franquismo; um momento de grandes mudanças conhecido, na Espanha, por antonomásia, como *La transición*. Como pretendemos mostrar neste artigo, a obra estudada, [...] *El cipote de Archidona* (1977), pode ser lida com uma paródia do nacionalismo franquista, aspecto fundante do Regime que se encontrava em irreversível declínio após a morte do ditador em 1975. Para demonstrar isso, dividimos este breve artigo em três partes: na primeira, apresentaremos os principais momentos da trajetória de *La sonrisa vertical*; posteriormente, em um segundo momento, trataremos sobre como está localizada a obra estudada na bibliografia do nobel Camilo José Cela; por último, ressaltar-se-á como se dá propriamente a paródia do nacionalismo franquista nesta obra.

1. **A coleção *La sonrisa vertical[[1]](#footnote-0)***

A proposta de publicar e divulgar obras eróticas da literatura espanhola e mundial não era inédita quando Luis García Berlanga e a Beatriz de Moura decidiram lançar *La sonrisa vertical*. Já havia sido ensaiada, com algum êxito, antes da Guerra Civil, pelo jornalista Joaquín López Barbadillo (1874-1922), que entre 1914 e 1924, traduziu e publicou os mais destacados autores da literatura erótica europeia, em uma série bastante popular que recebeu o nome de *Biblioteca de López Barbadillo y sus amigos.*[[2]](#footnote-1) Porém, com o começo da Guerra Civil e a censura posteriormente instaurada, “todo lo que en las primeras décadas se había conquistado en materia erótica sufre una importante regresión” (CABELLO, 2010, p. 224). Assim, as letras espanholas, eróticas por tradição, passam à clandestinidade por mais de três décadas. De modo que as circunstâncias de Berlanga e Moura em 1977 eram muito diferentes daquele ambiente de boêmia e liberdade editorial vivido por Barbadillo no começo do século. Um interesse comum, porém, unia ambas coleções:

ambas comparten su interés por agrupar, bajo cuidadas ediciones, las obras clásicas del género erótico junto a creaciones contemporáneas. Salvando, claro está, las diferencias existentes entre la producción erótica de principios y finales del XX (CABELLO, 2010, p. 225).

No final dos anos 70, *La sonrisa vertical* possibilitou que o panorama literário espanhol voltasse a erotizar-se após um longo período de censura, e não demorou para que surgissem novas coleções eróticas de outras editoras: *La fuente de Jade*, da editora Alcor, *El jardín de las delicias*, da Círculo de Lectores, *Afrodita*, da *Editorial* Ágata, entre outras. Porém, a diferença da grande maioria das coleções especificamente eróticas que emergiram em pleno período transicional, e que desapareceram rapidamente do mercado literário, *La sonrisa vertical* gozou de uma trajetória que se estendeu por mais de três décadas, até que em junho de 2014, após 153 volumes, publicava o seu último título, *Mira lo que tengo*, de José María Valtueña. Uma chave para compreender essa longa vida é o duplo propósito que motivou os editores da Tusquets: por um lado, traduzir autores até o momento inéditos em espanhol, ou com traduções antiquadas, como é o caso do Marquês de Sade, e pelo outro, estimulava a criação literária através da convocatória ao *Premio La sonrisa vertical*, aberto a autores espanhóis e hispano-americanos, e que recebia também a candidatura de obras escritas nas línguas cooficiais da Espanha: o galego, o catalão e o basco.

Tendo em consideração que na segunda metade do século XX, a narrativa erótica foi um subgênero literário bastante prolífero, e censurado, na língua espanhola, era urgente um espaço que possibilitasse a edição e a leitura de autores contemporâneos como Mario Vargas Llosa (autor peruano), Almudena Grandes, Francisco Umbral e Luis Antonio de Villena, aproveitando o processo de abertura cultural com a queda do Regime franquista. Como lembra Mainer y Juliá:

En el nuevo clima creado en ese corto y denso periodo que va de la muerte de Franco a las primeras elecciones, con la supresión de la censura de espectáculos implantada desde la guerra y la recuperación de la libertad de prensa, perdida con el triunfo de Franco, fueron posibles fenómenos tan dispares como la producción de películas en el borde de la pornografía y la salida de periódicos de calidad como El País. De hecho, la transición se vivió como una recuperación de la libertad después de cuarenta años en los que las manifestaciones culturales estuvieron siempre sometidas a censura (2000, p. 54)

Estes autores, como notou Díaz Fernández (2017), não se limitavam a denotar o erotismo burguês, mas traziam os erotismos dissidentes para o panorama literário. Este fenômeno não era restrito à literatura. Os cinemas, com o cessar da censura, começaram a incluir na sua grade filmes cuja temática era os erotismos não tradicionais, como *Un hombre llamado Flor de Otoño* (1978), de Pedro Olea, para não lembrar que é neste período que Pedro Almodóvar começa a sua produção. É no final dos anos 70 também que o próprio Berlanga estreia *La escopeta nacional* (1978), produção que tem a masturbação e a sexualidade de membros do Regime como tópicos. Do mesmo modo, cantoras como Rocío Jurado, Sarita Montiel e Lola Flores, em atitude inédita, posaram nua, bem como Nadiuska, Teresa Gimpera, Agatha Lys, Susana Estrada ou Barbara Rey. Todas ficaram conhecidas como “artistas del destape”. Nas palavras de Marí (2003, p. 244): “No hay duda de que existe una estrecha correspondencia entre el proceso de apertura ideológica y el despliegue de representaciones eróticas en cine, prensa y otros medios de comunicación”. Neste contexto histórico e estético se localiza a coleção *La sonrisa vertical*.

No começo da coleção, tentou-se reparar a ausência de traduções atuais dos clássicos da literatura erótica europeia. Assim, podemos comprovar a presença de Wilhelmine Shroeder-Devrient, Jean de Berg, Pierre Louÿs, Alfred de Musset, Henri Raynal, Georges Bataille e André Pieyre de Mandiargues entre os primeiros autores publicados. A forte presença de autores franceses é algo a ressaltar. Outra característica de *La sonrisa vertical* foi o seu *design*. A capa quase totalmente rosa –possível alusão à *literatura rosa* ou romances de amor– com letras brancas em cursiva anunciando o título da obra, e, mais acima, um selo, na vertical, que identifica a coleção: lábios femininos em um triângulo, explícita referência à vulva, sobre o título *La sonrisa vertical*.

Figura 1 - Capa de *La insólita y gloriosa hazaña del Cipote de Archidona* (1978)



Fonte: Google Imagens

Figura 2- Selo característico da coleção *La sonrisa vertical*



Fonte: Google Imagens

No que tange a autores espanhóis, a coleção *La sonrisa vertical* publicou 35 obras de autores já conhecidos, como o próprio Cela, Francisco Umbral e Vargas Llosa, ou estreantes, como Luis Antonio de Villena, Vicente Muñoz Puelles e Mercedes Abad.

1. **Camilo José Cela e o insólito caso do Cipote de Archidona**

O caso descrito nesta obra ocorreu em 1971, no pequeno município andaluz de Archidona. O episódio se refere a um quadro comum, despretensioso e inocente de um jovem casal, mas que ganhou dimensões inesperadas. De acordo com a ata criminal lavrada,

ficou provado que no dia 31 de outubro de 1971, no cinema de Archidona, durante a exibição de um espetáculo de flamenco, a processada masturbou o seu noivo, o processado, estando este com o órgão viril fora da calça, o que o fez salpicar de sêmen os demais espectadores [...], causando avarias nas suas roupas, parcialmente valorizadas em 3.500 pesetas e 1.600 pesetas, respectivamente (1977, online, tradução própria).

Não demorou para que, por meio de um cartão, o Dr. Rafael León, por ocasião Secretário de Cultura do *Ayuntamiento* de Málaga, escrevesse a Camilo José Cela nos seguintes termos: “Pídele a Alfonso Canales que te cuente lo del cine de Archidona” (CELA, 1977, p. ). Afonso Canales, confrade de Cela na Real Academia Espanhola, informa sobre o ocorrido em Archidona:

Um casal - não consta que fossem namorados formais - estava no cinema, se deleitando com a contemplação de um filme musical. A música ou as imagens devem ter sido um tanto excitantes, porque ela teve, segundo ele, a vontade –não sabe como– de tocar a parte mais sensível do físico dele. O mancebo devia ser consentidor, já que nada fez para se opor aos desejos veementes da sua próxima. Ele a deixou fazer o que ela fez de bom grado, sem prever as consequências que seu comportamento generoso teria (CELA, 1977, online, tradução própria).

O robusto jovem, que “era tan virgen como López Rodó o, al menos, llevaba mucho tiempo domeñando sus instintos”, “vomitó por aquel caño tal cantidad de su hombría, y con tanta fuerza, que más parecía botella de champán, si no geiser de Islandia”. A surpreendente ejaculação resultou em um processo judicial contra o jovem casal, acusado de “escándalo público”, ficando os acontecimentos registrados oficialmente na ata citada, “documento acreditativo de las reservas, no meramente espirituales, de nuestra recia estirpe (CELA, 1977, online).

Camilo José Cela, à época, já havia proporcionado estimulantes doses de erotismo em obras como *La colmena* (1951), *Diccionario secreto* (1968), *San Camilo, 1936* (1969), ou em sua contribuição mais significativo para o gênero, os sessenta fascículos da *Enciclopédia do Erotismo* (1976), em cujo prólogo o futuro Nobel declarava: “España se está poniendo cachonda”. Ou seja, no panorama literário espanhol do momento, ninguém mais adequado que Cela para publicar sobre o casal de Archidona e resgatar “una realidad y una tradición literaria usurpada durante años, que allí nos presenta como disponible para ser continuada” (VALLS, 1991, p. 29). Lembremos, por exemplo, as palavras que um dos censores definiu *La colmena* (1956): “francamente inmoral y a veces pornográfica” (VILLANUEVA, 1988, p. 54).

Dividida em três partes – *Documentos* (pp. 9-38), *Corona poética* (pp. 39-45), versos em louvor ao membro viril do rapaz, e *Documentos gráficos* (pp. 47-49) – esta obra de título arcaizante, *La insólita y gloriosa hazaña del Cipote de Archidona*,*[[3]](#footnote-2)* compila a correspondência entre Camilo José Cela Cela e outras figuras públicas que se interessam pelo “caso de Archidona”. Nesta obra, Camilo José Cela, continuador exímio da vitalidade das letras espanholas quando o assunto é o sexo, ou, se quisermos, explorador da sexualidade “carpetovetônica”, detém-se, novamente, para relatar uma história comum, da gente de *pueblo*, o trajeto inusitado entre um ato desprentencioso e um escândalo público.

Por eso, además de ser viajero del paisaje y las esencias de su país como sus inmediatos predecesores y maestros de la llamada «generación del 98» (Unamuno, Baraja, Azorín, Valle-Inclán) Cela muestra una clara predilección a lo largo de toda su obra por los hombres y mujeres sencillos, los seres inútiles, los niños. Su confesado propósito es el de evitar, ciertamente, la mixtificación (VILLANUEVA, 1988, p. 56).

1. **Paródia do nacionalismo franquista**

Em linhas gerais, podemos afirmar que o nacionalismo franquista se sustentou pelo seguinte tripé: o catolicismo adaptado às necessidades, o antiliberalismo e o culto à personalidade. Na obra analisada neste artigo, Camilo José Cela põe em ridículo essas três facetas.

Desde a primeira carta de Alfonso Canales a Camilo José Cela, detalhando os incidentes do caso de Archidona, podemos observar uma paródia dos valores franquistas e de pessoas ligadas ao regime. Uma delas é Laureano López Rodó, um antigo ministro franquista, membro da *Opus Dei* e notório virgem. De acordo com Canales, o rapaz de Archidona, seria “tão virgem como López Rodó ou, pelo menos, há muito tempo dominava seus instintos” (CELA, 1977, online). Além disso, ao louvar os acontecimentos de Archidona, Cela escreve, referindo-se a um dos três planos de estabilização econômica idealizado pelo próprio Rodó em 1972: “¡A qué lindes insospechadas de progreso nos ha llevado el III Plan de Desarrollo, y la sabia política de nuestros beneméritos tecnócratas, a quienes Dios guarde para mejor lección de todos!”. Para Cela, o rapaz manuseado, verdadeiro homem espanhol, poderia tornar-se um símbolo nacional e ser representado, bem como seu órgão viril, em monumentos públicos.

Te ruego que transmitas a la Excma. Diputación Provincial de Málaga mi propuesta de que le sea atribuido un homenaje de ámbito nacional al dueño de la herramienta, honra y prez de la patria y espejo de patriotas. Podría levantarse en su honor un monolito granítico con una farola en la punta del haba —el falofaro de Archidona visible desde las costas de África—; podrían editarse tarjetas postales y fabricarse cipotillos de solapa; podría incluirse la contemplación de tanta gloriosa prepotencia en el programa de los cursos de verano para extranjeros (CELA, 1977, online).

Na sétima carta, José Cela formula algumas respostas à curiosidade de um certo Dr. J. P. A, “profesor adjunto de patología médica”, estudioso da “musculatura de la pija hispánica”, “orgullo del país y espejo de foráneos”, que se interessou pelo caso de Archidona, pois é “cierto que la cuestión necesita un enfoque científico”. Após as devidas contestações, poder-se-ia uma nova síndrome na literatura científica internacional chamada “orgasmus hipertónicus archidonensis” (CELA, 1977, online). Através dessas respostas, podemos nos inteirar que, ao ejacular, o rapaz de Archidona rugiu um “¡Viva España! e

El mozo archidonero se corrió de cuchara, esto es, hacia atrás y por encima de la cabeza, como chutaba Zarra, y su engrudo vital, en el suceso que nos ocupa, describió una trayectoria parabólica de 5,40 m. de alcance. Como verá se trata de un problema de balística y opino que quizá fuera prudente que consultara usted a un artillero (CELA, 1977, online).

Seria motivo de orgulho constatar que “la potencia de la musculatura penal y vésico-excretora del varón español está muy por encima del resto de los varones, y se aproxima a la del toro”: “La casualidad ha querido (y seguramente también San Cosme y San Damián, patrones de la Fisiología) que en un bello pueblo español haya aparecido el caso necesario para demostrar nuestra hipótesis” (CELA, 1977, online). O rapaz de Archidona, cujo membro viril media 42 cm e um diâmetro de 85 mm e 76 mm na cúspide, é, para Cela, a verdadeira imagem dessa Espanha *castiza*, quevediana, católica, mas sem a teatral ortodoxia franquista.

**Conclusões**

A coleção *La sonrisa vertical* foi um marco na Literatura Espanhola do século XX. Isso porque surge com o propósito de divulgar gêneros eróticos que até então estavam prescritos pela censura franquista. Camilo José Cela abre essa coleção com o relato de uma cena de *pueblo*, corriqueira e despretensiosa, mas que adquire dimensões inusitadas. Ninguém melhor que Cela para tratar do assunto, uma vez que o autor, driblando os órgãos oficiais, preservou a veia erótica típica da literatura ibérica. Em *La insólita hazaña del Cipote de Archidona* (1977), notamos uma paródia, para não dizer ridicularização, dos ideários e funcionários franquistas, especialmente no que se refere ao nacionalismo. A rapaz de Archidona, que grita “¡Viva España!” ao ejacular, é, para Cela, a verdadeira e digna imagem dessa Espanha *castiza* que se via sufocada por *escándalos*, *escandalosos* e *escandalizables*.

**Referências**

**CABELLO, Ana.** Erotismos de las dos orillas: ganadoras del Premio La Sonrisa Vertical. In: **CONGRESO INTERNACIONAL DE ALEPH**, 6., 2009, Lisboa. *Diálogos ibéricos e iberoamericanos*. [S. l.]: Diálogos Ibéricos e Iberoamericanos, 2010. p. 223–238. Disponível em:<https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=442311>. Acesso em: 25 set. 2024.

**CELA, Camilo José.** *La insólita y gloriosa hazaña del Cipote de Archidona*. Barcelona: Tusquets, 1977. Disponível em:<https://templodeeros.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/05/camilo-cela-el-cipote-de-archidona.pdf>. Acesso em: 1 out. 2024.

**MARÍ, Jorge.** *Lecturas espectaculares: el cine en la novela española desde 1970*. Barcelona: Ediciones Libertarias/Prodhufi, 2003.

**VALLS, Fernando.** La literatura erótica en España entre 1975 y 1990. *Ínsula: revista bibliográfica de ciencias y letras*, [S. l.], v. 1, n. 530, p. 29–30, 1 fev. 1991.

**VILLANUEVA, Darío.** La intencionalidad de lo sexual en Cela. *Los Cuadernos del Norte: revista cultural de la Caja de Ahorros de Asturias*, [S. l.], n. 51, p. 54–57, 1 jan. 1998.

1. O nome da coleção remete à visão horizontal da vulva. [↑](#footnote-ref-0)
2. López Barbadillo merece um capítulo à parte em uma história que trate da literatura erótica espanhola. O autor deste artigo prepara um estudo sobre a obra de Barbatillo, que poderá ser consultado pelos interessados no tema. [↑](#footnote-ref-1)
3. Título completo: *Crónica del ejemplar suceso conocido por el nombre de la insólita y gloriosa hazaña del cipote de Archidona que, acariciado por una mano amante, se disparó en público y a destiempo e hizo estragos en la población civil. Es fruto de la feliz coyunda de la casualidad, el rijo y los eternos valores de la raza. La cuentan en sus cartas, con pelos y señales, sin decir mentida ni ocultar la verdad y respondiendo de que es cierto todo cuanto en ellas se dice, el Excmo. Sr. Don Camilo José Cela, individuo de número de la Real Academia Española, y el limo. Sr. Don Alfonso Canales, miembro correspondiente de la misma docta corporación, quienes la publican para solaz de aficionados y curiosos, escarmiento de cachondos y lección de todos y todas.* [↑](#footnote-ref-2)